

## NÃO À BARBÁRIE NO MUNDO EM DEFESA DA CIVILIZAÇÃO

**Fernando Alcoforado\***

Este artigo tem por objetivo denunciar a barbárie em que se acha submetida a humanidade ao longo da história que atingiu seu nível mais elevado durante a existência do capitalismo na era contemporânea e pugnar pelo seu fim em defesa dos princípios da civilização. A humanidade evoluiu até o presente momento do estágio de selvageria ao de barbárie. Selvageria é um estágio característico das sociedades primitivas ou povos primitivos, que são normalmente associados com os povos indígenas. O termo barbárie tem dois significados distintos, mas ligados entre si: falta de civilização e crueldade de bárbaro. Eric Hobsbawm observa que a barbárie significa uma ruptura com os padrões morais que regulam a vida em sociedade e os controles sociais tradicionais dando lugar à violência desenfreada e o desprezo pelo ser humano (Ver *La barbarie: guia del usuario* no site <<http://pt.scribd.com/doc/50203686/La-barbarie-guia-del-usuario>>). O grande desafio da era contemporânea é fazer a humanidade evoluir do estágio de barbárie em que se encontra no momento atual ao de civilização.

Segundo Eric Hobsbawm, nos últimos 150 anos, a barbárie tem aumentado permanentemente. Ano a ano, década a década, a violência e o desprezo pelo ser humano têm aumentado parecendo não haver um limite para este fenômeno. Algo muitíssimo pior: os homens e mulheres se acostumaram com a barbárie já não existindo espanto, estranheza, nem horror frente aos atos desumanos. Marx escreveu em 1847 esta passagem surpreendente e profética: "A barbárie reapareceu, mas desta vez ela é engendrada no próprio seio da civilização e é parte integrante dela. É a barbárie leprosa, a barbárie como lepra da civilização" (Ver *Barbárie e modernidade no século 20* de Michael Lowy, publicado no Brasil pelo jornal "Em Tempo" - [emtempo@ax.apc.org](mailto:emtempo@ax.apc.org) e, originalmente em francês, na revista "Critique Communiste" nº 157, hiver 2000).

A Primeira e a Segunda Guerra Mundial estabeleceram uma nova forma de barbárie eminentemente moderna, bem pior em sua desumanidade assassina do que as práticas guerreiras dos conquistadores "bárbaros" do fim do Império Romano. Segundo Eric Hobsbawm, a Grande Guerra (1914-1918) abre a etapa mais sanguinária da história mundial. 1914 começa com os sacrifícios ilimitados no afã de eliminar o inimigo. Sacrifício este que incorpora a própria população civil. 1914 começa com a era da guerra total, a ausência de distinções entre combatentes e não combatentes (Ver o artigo de Eric Hobsbawm sob o título *La barbarie: guia del usuario* no site <<http://pt.scribd.com/doc/50203686/La-barbarie-guia-del-usuario>>). De 1914 a 1990, morreram 187 milhões de pessoas, em atos bélicos ou extermínio sistemático.

A despeito das reiteradas intenções de todos os países do globo em manter a paz mundial, o Século XX foi palco de duas grandes guerras. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), morreram cerca de 9 milhões de pessoas. Apenas vinte anos depois, eclodia a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que matou entre 40 e 52 milhões de pessoas. Além disso, a violência dos conflitos em nossa época não tem paralelo na história. As guerras do século XX foram "guerras totais" contra combatentes e civis sem discriminação. O historiador Eric Hobsbawm (*A Era dos Extremos*, Companhia das Letras, 2008) complementa: "Sem dúvida ele foi o século mais assassino de que temos registro, tanto na escala, frequência e extensão da guerra que o preencheu, mal cessando por um momento na década de 20, como também pelo volume único das catástrofes humanas que produziu, desde as maiores fomes da história até o genocídio sistemático".

A tragédia das guerras no século XX atingiu a maioria das famílias ao longo de duas, três ou quatro gerações. O apelo às armas levou milhões de filhos, maridos, pais e irmãos para o campo de batalha, e milhões não voltaram. O genocídio nazista contra os judeus, ciganos e comunistas, o uso da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, o Goulag stalinista, a guerra do Vietnã, o ataque terrorista ao World Trade Center em New York, as duas guerras do Iraque, a guerra do Afeganistão, as guerras civis recentes da Líbia e da Síria e a violência indiscriminada praticada pelo Estado Islâmico exemplificam de maneira mais acabada a barbárie que caracteriza o mundo em que vivemos. O socialismo, que foi construído na União Soviética e em outros países, não cumpriu sua promessa histórica de emancipar a humanidade, acabar com a exploração do homem pelo homem, eliminar as desigualdades sociais e tornar a sociedade igualitária, se transformou em uma tirania.

No século XX, as crises do capitalismo resultaram sempre em revoluções sociais visando a derrubada do sistema capitalista como ocorreu na Rússia em 1917 com a implantação do sistema socialista ou em contrarrevolução com a implantação de ditaduras fascistas como ocorreu na Itália com Mussolini e nazifascista como ocorreu na Alemanha com Hitler. A ascensão do Fascismo em 1922 tal como a do Nazismo de Adolf Hitler na Alemanha em 1933 só foi possível com a colaboração e o suporte financeiro de grandes corporações capitalistas. O fascismo representou uma reação das forças conservadoras da Europa contra a ascensão dos trabalhadores ao poder em vários países após a vitória do socialismo na União Soviética em 1917 e se baseava em concepções fortemente nacionalistas e no exercício totalitário do poder, portanto contra o sistema democrático e liberal, e repressivo ante as ideias socialdemocratas, socialistas e comunistas. O fascismo implantado durante as décadas de 1920 e 1930 do século XX se baseava em um Estado forte, totalitário, que se afirmava encarnar o espírito do povo, no exercício do poder por um partido único cuja autoridade se impunha através da violência, da repressão e da propaganda política.

As afinidades entre o liberalismo capitalista, que supostamente é defensor da democracia, e o seu oposto, a ditadura, se manifestou em 1795, após a Revolução Francesa, quando houve a derrubada dos jacobinos do poder pelos girondinos e foi instalado um governo ditatorial na França. O general Napoleão Bonaparte foi colocado no poder, após a Reação Thermidoriana com o golpe de estado do 18 Brumário (9 de novembro de 1799) com o objetivo de controlar a instabilidade social na França. Napoleão assume o cargo de primeiro-cônsul da França, instaurando uma ditadura. Da mesma forma que existe afinidade entre o liberalismo capitalista e a ditadura como ocorreu na França com Bonaparte, o mesmo acontece entre o liberalismo capitalista e o fascismo que não são rigorosamente iguais, mas tampouco existe entre eles uma muralha intransponível. Entre eles, existem mais pontos de convergência do que de divergência. Isto ficou comprovado com a ascensão do fascismo na Itália na década de 1920 e do nazismo na Alemanha na década de 1930 do século XX que contaram com o apoio de liberais. Os liberais legitimaram tanto o fascismo quanto o nazismo com políticas de inspiração liberal em suas ditaduras.

Os liberais neoclássicos que deram origem à corrente ideológica que se tornou hegemônica hoje, o neoliberalismo capitalista, também defendiam o fascismo e sua variante nazista como projetos políticos necessários para manter a ordem capitalista. É o que se pode conferir nesta declaração de Friedrich Hayek, membro da Escola Austríaca de Economia, sobre a sua impressão do nazismo: “Hitler não precisou destruir a democracia; limitou-se a tirar proveito da sua decadência e no momento crítico conseguiu

o apoio de muitos que, embora o detestassem, consideravam-no o único homem bastante forte para pôr as coisas em marcha” (HAYEK, Friedrich. *O caminho da servidão*. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990). Ao contrário do que disse Hayek, Hitler destruiu a democracia na Alemanha.

A complacência de teóricos liberais neoclássicos com relação ao Fascismo prossegue com Ludwig von Mises. Outro ícone da Escola Austríaca de Economia. Mises atuou como conselheiro econômico do governo fascista de Engelbert Dollfuss na Áustria. Em seu livro “Liberalismo — Segundo a tradição clássica”, ele reitera que o Fascismo foi um movimento político que teve como um de seus principais objetivos o combate ao bolchevismo. Ludwig von Mises afirmou: “As ações dos fascistas e de outros partidos que lhe correspondiam eram reações emocionais, evocadas pela indignação com as ações perpetradas pelos bolcheviques e comunistas. (...) Contra as armas dos bolcheviques, devem-se utilizar, em represália, as mesmas armas, e seria um erro mostrar fraqueza ante os assassinos. Jamais um liberal colocou isto em questão” (VON MISES, Ludwig. *Liberalismo – Segundo a Tradição Clássica*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010). Mises afirmou que nenhum liberal colocou em questão o uso da violência pelos fascistas e nazistas.

Nesta obra, Mises também não hesitou em legitimar, elogiar e, até mesmo, enaltecer o Fascismo: “Não se pode negar que o fascismo e movimentos semelhantes, visando ao estabelecimento de ditaduras, estejam imbuídos das melhores intenções e que sua intervenção, até o momento, salvou a civilização europeia. O mérito que, por isso, o fascismo obteve para si estará inscrito na história. Porém, embora sua política tenha propiciado salvação momentânea, não é do tipo que possa prometer sucesso continuado. O fascismo constitui um expediente de emergência”. Mises, um dos ideólogos do neoliberalismo capitalista afirmou o absurdo de que o fascismo e o nazismo salvaram a civilização europeia.

De acordo com Robert Paxton, o fascismo emerge em busca de algum tipo de renovação nacionalista (PAXTON, Robert. *The anatomy of fascism*. New York: Vintage Books, 2005). Segundo Paxton, o fascismo somente cresce no solo revolto de uma democracia madura em crise como é o caso dos Estados Unidos atual. Essa visão foi abraçada completamente pelo Partido Republicano que agora se define nessa linha. Nesse estágio, é abertamente racista, sexista, repressor, excludente e permanentemente viciado na política do medo e do ódio, como aconteceu durante o governo George W. Bush e que está sendo aprofundado no governo Donald Trump. A ascensão do fascismo sob o comando de Donald Trump nos Estados Unidos resultou, fundamentalmente, de seu declínio econômico e da perda de sua hegemonia na cena mundial em um prazo temporal muito curto.

No livro *Capitalism, Hegemony and Violence in the Age of Drones (Capitalismo, Hegemonia e Violência na Era dos Drones)*, publicado pela Springer Nature em 2018, Norman Pollack, que foi professor emérito de História na Michigan State University, afirma que “o fascismo nos Estados Unidos, em qualquer estágio gestacional, avança contra o povo”. Na visão de Pollack, o fascismo é mais do que um arranjo político historicamente temporário, como na Alemanha, Itália, Japão e outros países entre as duas grandes guerras mundiais. O fascismo é um estado social geral.

O fascismo foi alavancado nos Estados Unidos com o governo Bush e foi mantido pelo governo Obama quando generalizou-se a violação do sigilo da comunicação e a vigilância

intrusa na vida das pessoas; obrigou-se cada biblioteca a informar ao FBI a lista de livros solicitados, regra que vale inclusive para universidades; e criou-se uma lista de inimigos internos, que, por exemplo, não podem fazer viagens aéreas, e que hoje reúne dezenas de milhares de nomes (fala-se em torno de 100 mil), boa parte de dissidentes universitários, pacifistas etc. Listas como estas, são típicas de regimes totalitários. Aos poucos se fecha o cerco a jornalistas, professores, pastores, ativistas e dezenas de outros. Extinguiu-se na prática o direito universal do habeas corpus.

As forças do governo dos Estados Unidos (CIA e militares) têm autorização para prender qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo e também no país, sem nenhuma justificativa, mantê-la presa sem comunicação com familiares ou advogados e sem acusação por tempo indeterminado, e movê-la para qualquer das suas prisões, conhecidas ou secretas, em vários países, ou mesmo alguns navios-prisão, todos esses locais em que se tortura e assassina com a mais absoluta impunidade, como vem sendo documentado nas prisões da base de Baghram, no Afeganistão, Abu Ghraib, no Iraque, e na infame prisão de segurança máxima de Guantánamo, no extremo oriental de Cuba. Trata-se de um conjunto de disposições fascistas de fazer inveja ao aparelho de terror de Hitler.

Na política externa norte-americana, uma nova doutrina substituiu os velhos conceitos de autodeterminação dos povos, não agressão, respeito às leis internacionais e à autoridade da ONU, etc. com a criação de monstros pseudojurídicos como a proposta das “guerras preventivas”, agressão a países em desobediência às decisões do Conselho de Segurança da ONU e a países que ameaçassem ou remotamente pudessem vir a ameaçar a hegemonia dos Estados Unidos no mundo, cujos círculos dominantes encarregam-se de enquadrar como amigos e inimigos conforme seus interesses. Outra característica do discurso e da prática de integrantes do governo dos Estados Unidos é a fabricação da falsa verdade com base em ilações, omissões e mentiras. Esta foi a forma encontrada para basear a decisão de invadir o Iraque, o Afeganistão e a Líbia.

A origem totalitária do Neoliberalismo capitalista resultou do conluio entre liberais e fascistas no combate ao socialismo. Na era contemporânea de globalização econômica e financeira, surge o fascismo moderno, não apenas nos Estados Unidos, mas abarcando todo o planeta, inclusive no Brasil com o governo neofascista de Bolsonaro. O sistema capitalista neoliberal dominante se define pela onipresença de sua ideologia mercantil que ocupa ao mesmo tempo todo o espaço e todos os setores da vida. Esta ideologia reduziu todas as relações humanas em relações mercantis e considera nosso planeta como uma simples mercadoria. O único direito que o sistema capitalista neoliberal reconhece é o direito a propriedade privada. O único deus que ele adora é o dinheiro.

A onipresença da ideologia neoliberal neofascista se manifesta no culto ao dinheiro, no partido único disfarçado de pluralismo parlamentar, na ausência de uma oposição visível e na repressão sob todas as formas contra a vontade de transformar o homem e o mundo. Eis o verdadeiro rosto do fascismo moderno que é necessário chamá-lo pelo seu verdadeiro nome: sistema capitalista totalitário. O homem, a sociedade e o conjunto de nosso planeta estão a serviço desta ideologia neofascista. O sistema capitalista totalitário realizou o que nenhum totalitarismo conseguiu fazer antes: unificar o mundo à sua imagem. Hoje já não existe exílio possível. Na era contemporânea de globalização econômica e financeira, surge o mais nefasto de todos os fascismos que é o que abarca todo o planeta. O novo fascismo tem por objetivo defender os interesses do sistema capitalista mundial neoliberal dominante.

É lamentável a situação a que chegou a humanidade com a prevalência da barbárie, onde a fome mata todos os dias milhões de pessoas em todo o mundo, a maior parte das crianças não chega à idade adulta por falta de alimento, enquanto outras comem demais e ficam obesas pelos erros e excessos alimentares como o fazem seus próprios pais. Vivemos em um mundo de contrastes entre luxo e lixo, riqueza material e miséria. É inaceitável viver em um mundo em que, nos últimos 6.000 anos da história da humanidade, houve apenas 292 anos de relativa paz entre os povos. Associe-se a tudo isto, a desmesurada agressão que vem se processando contra o meio ambiente natural que pode ameaçar a sobrevivência da humanidade diante da perspectiva de uma mudança climática global catastrófica. Para agravar este calvário, a humanidade foi afetada pela pandemia da Covid 19 que já matou mais de um milhão de habitantes do planeta.

É preciso observar que a antítese da Barbárie é a Civilização que é considerada o estágio mais avançado que uma sociedade humana pode alcançar. Existem alguns elementos geralmente aceitos por todos sobre o que tornaria uma sociedade civilizada: 1) oferecer segurança garantida para todos os cidadãos que não devem temer a perda de suas vidas ou ter danos físicos; 2) prover assistência médica da melhor qualidade possível para todos os membros da sociedade; 3) conceder acesso à comida e água para todos os cidadãos de modo que nenhuma pessoa passe fome ou sede; 4) prover as condições básicas de habitação para todos os cidadãos; 5) possuir um sistema legislativo democrático cujas leis sejam estabelecidas para preservar o bem-estar da população; 6) prover um sistema educacional que garanta igualdade de acesso à educação de alto nível para todas as pessoas visando tornar sua população altamente educada; e, 7) assegurar para a população a liberdade de pensamento, crença, religião, afiliação e expressão e o direito de participar das decisões de governo.

Diante do histórico tenebroso dos atentados praticados contra a humanidade e de suas perspectivas sombrias, urge atacar o mal da barbárie pela raiz com a construção de uma nova ordem mundial civilizada em substituição à ordem capitalista dominante geradora dos atentados à Civilização em todos os quadrantes da Terra que se registram há milhares de anos. A nova ordem mundial civilizada a ser construída deve adotar o lema universal de "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" como herança do Iluminismo ao final do século XVII. Este lema invocado durante a Revolução Francesa, que é universal porque traduz os anseios de todos os seres humanos, precisa ser resgatado pela humanidade. Para fazer com que a Civilização prevaleça sobre a Barbárie é preciso que as forças vivas defensoras da Civilização se aglutinem em todo o planeta para se contraporem às forças da Barbárie. O futuro da humanidade depende do desfecho deste confronto.

\* Fernando Alcoforado, 80, condecorado com a Medalha do Mérito da Engenharia do Sistema CONFEA/CREA, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos livros *Globalização* (Editora Nobel, São Paulo, 1997), *De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial* (Editora Nobel, São Paulo, 1998), *Um Projeto para o Brasil* (Editora Nobel, São Paulo, 2000), *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia* (Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), *Globalização e Desenvolvimento* (Editora Nobel, São Paulo, 2006), *Bahia- Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea* (EGBA, Salvador, 2008), *The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The Case of the State of Bahia* (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), *Aquecimento Global e Catástrofe Planetária* (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2010), *Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global* (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011), *Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social* (Editora CRV, Curitiba, 2012), *Energia no Mundo e no Brasil- Energia e Mudança Climática Catastrófica no*

*Século XXI* (Editora CRV, Curitiba, 2015), *As Grandes Revoluções Científicas, Econômicas e Sociais que Mudaram o Mundo* (Editora CRV, Curitiba, 2016), *A Invenção de um novo Brasil* (Editora CRV, Curitiba, 2017), *Esquerda x Direita e a sua convergência* (Associação Baiana de Imprensa, Salvador, 2018, em co-autoria) e *Como inventar o futuro para mudar o mundo* (Editora CRV, Curitiba, 2019).